

A TEOLOGIA BÍBLICA DE CARLOS MESTERS

Joyce Flávia Moreira dos Anjos¹

◆

Resumo: O artigo se propõe resgatar a contribuição de Carlos Mesters na construção de uma teologia bíblica latino-americana libertadora. Três eixos compõem o fazer teológico de Mesters: sua concepção de revelação marcadamente influenciada pela hermenêutica exodal; a Bíblia, entendida como livro da fé; e a pessoa do intérprete, cuja responsabilidade é facilitar a conexão entre vida e texto sagrado. Há ainda duas perspectivas recorrentes que dinamizam seu horizonte teológico: a vida e os empobrecidos.

Palavras-chave: Mesters, bíblia, intérprete, povo, pobre, Deus-conosco.

1 MESTERS, VIDA MISTURADA COM A VIDA DO POVO

Carlos Mesters ou Jacobus Gerardus Hubertus Mesters nasceu em Bunde, sul da Holanda, em 20 de outubro de 1931. De uma família de sete irmãos, aos 17 anos deixou a Holanda e tomou como destino o Brasil chegando aqui em 20 de janeiro de 1949. Veio para prosseguir a formação na Ordem do Carmo, fazendo sua profissão religiosa, em 22 de janeiro de 1952. Realizou o curso de filosofia em São Paulo e o de Teologia,

em Roma, no Colégio Santo Alberto, de 1954 a 1958. Recebeu a ordenação presbiteral, em 07 de julho de 1957 (FELIX, 2010, p. 38).

Pelo Instituto Bíblico de Roma e pela Escola Bíblica de Jerusalém, formou-se em Ciências Bíblicas, doutorando-se em 1962. De 1963 a 1966, ministrou aulas de Bíblia na escola de Teologia dos frades carmelitas de São Paulo (LOPES, 2011). Em 1967, passou a dar aulas no Colégio Santo Alberto de Roma, onde havia feito a graduação em Teologia. Em 1968, retornou ao Brasil para lecionar no Instituto Central de Teologia

¹ Bacharel em Teologia pela Estef.

e Filosofia da Universidade Católica de Minas Gerais, aí trabalhando até 1972. Em 1968, Mesters fez suas primeiras experiências de leitura bíblica junto às Comunidades Eclesiais de Base na diocese de Itabira, Minas Gerais (FELIX, p. 41).

A partir de 1972, Mesters distanciou-se do ensino acadêmico para dedicar-se ao ensino popular da Bíblia (FELIX, p. 39). Em 1975, faz uma semana missionária em Areia Seca, sertão cearense. Dessa experiência nasce o livro *Seis Dias nos porões da humanidade*, derivado de seus relatórios pastorais. O livro permite entrever como foi se formando nesse teólogo a consciência teológica comprometida que lhe é característica. Igualmente parece revelar como se deu a conversão de seu modo de pensar teológico:

Passamos seis dias num dos muitos porões da humanidade. Areia Seca! Não sou poeta, escrevi demais! ... A quem me pergunta: 'Como foi lá? Gostou?' eu respondo: 'Gostei muito, mas foi duro! Talvez a semana mais dura da minha vida!...' Aqueles dias foram para mim como uma conversa difícil. Em vez de dar uma resposta, esta 'conversa' questionou todas as respostas feitas só de palavras, que a minha cabeça tinha elaborado para a solução do problema do povo (MESTERS, 1977b, p. 106-107).

Em 20 de julho de 1979, funda com um grupo de pessoas o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). Foi diretor dessa associação de 1979 a 1991. As primeiras atividades do CEBI deram-se nas regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul (LOPES, 2011). Além de ser testemunho do florescimento das Comunidades Eclesiais de Base, foi um dos precursores do movimento de retorno da Bíblia para as mãos do povo, através dos círculos bíblicos. Mesters dizia que o movimento bíblico no Brasil foi em seu início uma reprodução do movimento iniciado na Europa. Até certo momento esse movimento teve sua relevância quando conseguiu colocar a Bíblia nas casas brasileiras. Mas falhou em seu método quando pensava o estudo bíblico somente em chave científica. O povo mesmo continuava com sede de Bíblia apesar de tê-la nas mãos (MESTERS, 1983, p.189).

Mesters chama de *grande novidade* a leitura popular da Bíblia. Novidade essa que não nasceu dos círculos exegéticos oficiais. Originou-se do desejo do povo de ler a Bíblia desde a vida. A leitura popular da Bíblia cresceu numa de suas confluências de iniciativas, desde o trabalho inicial do movimento bíblico, a ação católica, o movimento litúrgico, os cursos bíblicos, as Comunidades Eclesiais de Base, o impulso dado pe-

las Conferências de Medellín e Puebla, a situação política, econômica e social que o Brasil vivia.

2 A TEOLOGIA NA PERSPECTIVA DE CARLOS MESTERS

Mesters escreveu uma lista de mais de 100 livros. Porém, nenhum deles é um tratado ou ensaio específico de teologia bíblica. Deparando-se com os limites do estudo da Bíblia no meio popular sua postura tornou-se mais de pastor que de mestre. Seus livros expressam esse compromisso pastoral com a animação bíblica. Nossa tentativa é extrair os fundamentos de uma teologia bíblica subjacente em seus escritos.

Conforme Mesters, o conhecimento de Deus como libertador e como aquele que caminha com seu povo é o eixo da revelação bíblica, contudo, se une a essa concepção a compreensão de Deus ligada à sua força criadora. Para Cavalcanti (p. 29), Mesters assume a formulação de que palavra criadora e palavra libertadora formam uma mesma dimensão da revelação de Deus, pois o testemunho bíblico indica que a vida é sempre recriada quando torna-se livre do que a esmaga. Ainda de acordo com Cavalcanti (p. 30), a novidade desse pensamento de Mesters tem uma conse-

quência para o modo de pensar e crer em Deus. Enumeramos a seguir em quê a fé na força libertadora e criadora de Deus, que Mesters (1977a, p. 111) chama de fé no Deus-conosco, resulta:

O primeiro ponto advém do nome Iahweh, que evidencia a opção libertadora de Deus em favor de seu povo. “Deve ser entendido como sendo a afirmação cabal e definitiva da presença salvadora e libertadora de Deus no meio do povo” (MESTERS, 1977a, p. 112). À medida que o povo conhece e experimenta Deus como sendo de sua essência salvar, mais vai tomando consciência de sua própria opressão. Desse modo, não é só Deus que toma iniciativa em salvar, mas também o povo torna-se proativo, entende que não foi feito para a escravidão. Essa conscientização é progressiva na história de Israel e torna-se parâmetro para avaliar a própria fé.

A fé em Iahweh, além de ser libertadora, assume outra característica. Deve ser critério de interpretação do passado que projeta para o futuro (MESTERS, 1977a, p. 111). Crer no Deus que libertou e salvou os antepassados deve estimular o povo de hoje a ter a mesma crença. Mas Mesters (1977a, p. 113) adianta que “Deus cuja presença é percebida à luz dos fatos do passado não pertence mais ao passado, mas ao presente e ao futuro”.

Desse modo, o crente que vive hoje, insere-se na dinâmica da Revelação.

A terceira característica é a fé em Deus libertador e criador como força unificadora da existência (MESTERS, 1977a, p. 113). Ou seja, faz com que a pessoa encontre o sentido último de sua vida, a identidade fundamental. Ao referir-se a isso, Mesters toma como exemplo o evento do êxodo que, em cada época, foi atualizado e renovado. O povo, fazendo uma síntese de sua vida, à luz desse evento, tornava o momento atual o mais importante de todos os tempos. A graça da experiência salvadora e libertadora passava a acontecer no agora da vida.

3 A BÍBLIA

Desde o Concílio Vaticano II, houve um movimento generalizado de incentivo à leitura e ao estudo bíblico. A Bíblia saiu do ambiente estritamente sacro para fazer parte dos lares e ser lida em todo tipo de reuniões e momentos de oração. E mesmo que o povo nutrisse respeito e amor a este livro, muitos problemas surgiram. Mesters (1977a, p. 37-40) enumera a problemática básica que envolve a leitura bíblica feita pelo povo: livro difícil e confuso, livro que gera dúvidas, que levanta muitos problemas, que serve para defender qualquer ideo-

logia, pois está sujeito a qualquer interpretação, que pode alienar a fé, que suscita angústia e desânimo.

Em consequência dessas dificuldades apontadas, o povo que passou tanto tempo sem ter a Bíblia nas mãos, guarda-a novamente ou se restringe a lê-la parcialmente, contentando-se a alguns salmos ou fragmentos dos evangelhos. Mesters (1977a, p.43) indica que não é suficiente combater a ignorância do povo com informações e cursos. Igualmente, o trabalho da exegese não pode colocar como secundário o princípio pelo qual o povo se aproxima da Bíblia, quase sempre buscando respostas aos acontecimentos da vida.

Avistamos, por conseguinte, as sugestões dadas por Mesters para ajudar na solução dos problemas citados. A primeira delas é a mudança na atitude interpretativa frente à história do passado (MESTERS, 1977a, p. 47-48). Trata-se de salvar a Bíblia da compreensão de livro de história.

A investigação científica nascida na modernidade moldou o modo de ler a Bíblia. Positivamente, permitiu descobertas no campo da exegese com os estudos arqueológicos, históricos e literários. De outro modo, os avanços da exegese liberal colocou à prova a confiabilidade dos fatos bíblicos, pois, não eram passíveis de verificação histórica. Já no cotidiano

eclesial, a Bíblia funcionava como um gravador das verdades divinas ditas no passado, legitimando a Revelação como um acontecimento estático e afastado do tempo atual (MESTERS, 1977a, p. 49).

Quando Mesters fala em salvar a Bíblia da compreensão de livro de história, deseja colocá-la no lugar que sempre lhe pertenceu, ou seja, como livro da fé. Acena que um dos principais colaboradores para esse novo olhar foi Rudolf Bultmann com sua proposta de demitização bíblica. Adota, de Bultmann, o pensamento de que na Bíblia há uma certeza que não está subordinada à cientificidade e esta certeza é a fé (MESTERS, 1977a, p. 53). Em outros termos, Mesters diz que a Bíblia funciona “como um despertador, isto é, ela explicita e faz crescer a semente da própria vida” (MESTERS, 1977a, p. 78) quando lida a partir da fé que se vive hoje e da fé contida no texto.

Os problemas em torno do texto bíblico podem ser amenizados se, em vez de dirigir-se à própria Bíblia à procura de respostas, a pessoa se volta para ela desde a realidade de hoje, à luz da fé. A isto, Mesters chama de releitura bíblica, um método usado na própria Bíblia quando o povo, vivendo situações de crise, necessitava reler o fato passado para recompor a história da salvação no tempo presente.

Um exemplo relevante de releitura é a história da salvação recontada onze vezes em todo Primeiro e Segundo Testamento (MESTERS, 1977a, p. 101). A leitura da Bíblia, para ser experiência de revelação atualizada, tem como pressuposto a certeza de que Deus faz história com seu povo hoje.

O processo que Mesters chama de releitura bíblica foi aprimorado no método de leitura popular da Bíblia. É, pois, um método que reafirma a interpretação da Bíblia como atividade comunitária. E se a Teologia da Libertação tem no pobre o sujeito e a centralidade de sua reflexão, de igual modo o método hermenêutico da leitura popular da Bíblia edifica-se desde o lugar social dos empobrecidos.

Essa metodologia constituiu-se de forma mais sistematizada em 1968. Segundo Mesters (1991, p. 114), o ano de 68 tornou-se um marco para a Igreja latino-americana e para a sociedade brasileira, pois foi nessa época que a Teologia da Libertação ganhou mais corpo, também nesse ano aconteceu a Conferência Episcopal de Medellín e, no Brasil, foi estabelecido o Ato Institucional cinco (AI5), sendo este um dos períodos mais violentos da ditadura brasileira.

Toda essa movimentação no contexto político e religioso influenciou no desenvolvimento do método

hermenêutico de leitura popular da Bíblia, tornando-se um instrumento de reflexão da realidade. Onze anos mais tarde (1979), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) assume o método do triângulo hermenêutico, cuja inspiração bíblica foi extraída do episódio dos discípulos de Emaús. Em seu início, ainda antes da década de 70, chamavam-no de pré-texto, texto e contexto. Com o nascimento do CEBI, passou a ser conhecido como, realidade – Bíblia – comunidade (MESTERS; OROFINO, 2006, p. 25).

Não se tratava somente de refletir e rezar a realidade com a Bíblia. O método era a base do movimento eclesial, não só católico romano, para empreender a educação popular. Pretendia, em sua dinâmica interna, alcançar três objetivos: conhecer a Bíblia, criar comunidade e servir ao povo (MESTERS, 1991, p. 116). Assim sendo, não se tratando tão só de técnicas de dinamização bíblica, a leitura popular da Bíblia “exprime, articula e transmite uma determinada visão da Bíblia e da Revelação” (MESTERS, 1991, p. 119).

Richard (p. 9), ao analisar a constituição da leitura popular da Bíblia, diz ser a hermenêutica da libertação o fundamento teórico desta prática. Anteriormente foi dito que a razão de ser da leitura popular e sua

teoria hermenêutica é o pobre. Logo, quando o pobre, enquanto sujeito histórico, reflete criticamente as relações sociais, políticas e religiosas posicionando-se diante delas à luz da fé em Deus libertador, surge o que Richard (p. 17) chama de ruptura política, espiritual e hermenêutica.

As três rupturas constituem o processo de rompimento e confrontação que o povo pobre empreende diante das ideologias de dominação e manipulação. É na verdade, uma caminhada de libertação que começa no interior da pessoa e que emoldura a vida em sociedade e em comunidade não para recriar outras ideologias, mas tendo como pano de fundo a experiência com Deus.

De modo concreto, o rompimento hermenêutico é o movimento de apropriação, luta contra a interpretação opressora, e nova leitura da Bíblia feita pelos empobrecidos por meio da mediação metodológica da leitura popular da Bíblia. Essa dinamização teórico-prática promove o resgate do sentido espiritual do texto e do sentido textual e histórico sem descartar o trabalho de dependência mútua entre leitura popular e exegese. O mérito de Mesters é colocar lado a lado em interdependência, os critérios científicos e o trabalho com o povo. Segue a tradição latino-americana da libertação ao submeter a razão de ser

do trabalho acadêmico teológico a serviço da comunidade eclesial e, de modo privilegiado, aos empobrecidos.

O trabalho com o povo fez com que elaborasse algumas exigências para uma leitura e interpretação da Bíblia encarnada. Essas exigências estão sintetizadas no seu método de leitura popular: 1. A interpretação da Bíblia precisa ultrapassar o objetivismo e historicismo e levar em conta a realidade do presente, isto é, partir da perspectiva dos problemas substanciais que atingem a vida moderna. 2. Desse modo, o presente funciona como filtro que faz ver além da letra o *sentido para nós*. 3. À Bíblia não cabe fundamentar doutrinas, oferecer informações históricas, provar dogmas, a não ser confirmar que a revelação divina continua acontecendo no hoje da história, portanto, o Deus que se dá a conhecer é o Deus-conosco (MESTERS, 1977a, p. 130-133).

No final da década de 90 e nos seguintes anos do século XXI, Mesters acrescenta a essas exigências a questão de gênero, fazendo jus à luta e às conquistas alcançadas pelas mulheres na sociedade. Lutas que, no âmbito religioso cristão, são contidas e questionadas pela cultura patriarcal presente na Bíblia e pela interpretação androcêntrica reproduzida.

4 O INTÉRPRETE DA PALAVRA

Por intérprete da Palavra, Mesters compreende a pessoa e/ou comunidade que faz o papel de mediação entre o texto escrito e o povo, para que o povo encontre o sentido do texto para a vida. Desse modo, são duas as categorias que Mesters inclui em sua definição de intérprete. Por excelência, o múnus de interpretar pertence essencialmente à comunidade. Mas, também recebe esse nome a pessoa que, de posse do texto escrito, caminha com o povo em busca de atualizar a Palavra salvífica de Deus para hoje. Nessa segunda definição, se incluem os agentes de pastoral (padres, leigos, religiosos) responsáveis por animar a formação bíblica. Aqui também situa-se o trabalho do exegeta que, segundo Mesters (1983, p. 158), deve medir sua ciência pelo critério da corresponsabilidade com a caminhada eclesial, “já que o povo não existe para a exegese, mas a exegese para o povo” (MESTERS, 1977a, p. 85). Verificamos a seguinte dinâmica acenada por Mesters: o intérprete (agente de pastoral) tem a função de servir o intérprete (comunidade). E o faz não como alguém de fora, mas porque pertence à comunidade eclesial.

Assim, o agente de pastoral realiza seu ministério de intérprete

inserido no contexto comunitário, e seu papel é ser um parteiro, que “faz nascer o que já existe em gestação no povo” (MESTERS, 1983, p. 166). No entanto, quando faz a mediação entre texto e vida encontra-se diante da interrogação a respeito de como ser parteiro sem esgotar o povo. Há situações em que o intérprete precisa ensinar, situar, clarear e há situações em que deve calar para que o povo continue a interpretação.

O trabalho do intérprete é “colocar a Palavra que se ouve na vida que se vive” (MESTERS, 1983, p. 165). Portanto, seu comprometimento é mais com o saber descoberto do que com o saber dado. É um dos critérios para avaliar se a formação bíblica cumpre seu papel é perguntar se ela está despertando no povo conhecimento e autonomia ou aumentando o complexo de ignorância e de dependência.

Há três critérios que Mesters (1983, p. 165-166) indica para o intérprete balizar seu trabalho. O primeiro é o uso da linguagem simples, o que significa uma comunicação que priorize a aproximação com os assuntos da vida. Outro aspecto é a busca da conaturalidade de problemas e interesses. Trata-se de descobrir o problema humano central do contexto do povo ou do texto para que o texto se torne um espelho para a vida. E,

por fim, a visão de unidade, ou seja, levando em conta a diversidade linguística da Bíblia, lê-la com um olhar integral, humano e religioso.

Croatto (p. 17) recorda que textos e acontecimentos são passíveis de compreensão somente através do processo de interpretação. Essa afirmação tem em vista a necessidade antropológica do ser humano de produzir sentidos que transcendam o puro objetivismo racional. No caso da Bíblia, sua constituição resulta da interação de acontecimentos e oralidade que, por fim, estruturaram-se em textos reinterpretados continuamente. Texto, em sua origem etimológica, significa tecido e, seja oral e/ou escrito, adquire alguns condicionamentos. Um deles é que, sendo texto, sua possibilidade de sentido torna-se restrita. O texto perde-se de seu autor original, passando a existir independente de quem o gerou. Sua mensagem distancia-se da fonte que o emitiu e da fonte interlocutora. No caso de um texto bíblico, não temos mais presente o autor nem os destinatários primeiros. Distancia-se também o horizonte real que o emoldurou (CROATTO, 1986, p. 20).

O que, à primeira vista, significa limite transforma-se em infinitude textual. O texto limitado do autor ganha, por meio da interpretação, novas possibilidades, uma vez que con-

centra em si mesmo o potencial para infinitas interpretações. Além do que, tanto mais longe da origem autoral e tanto menos se conhece o autor, mais diverso poderá ser o sentido dado ao texto. Croatto (p. 23) afirma que o sentido hermenêutico é algo que não pode ser apreendido ou definido objetivamente. E no caso da Bíblia, sua própria mensagem é formada por um processo contínuo de hermenêutica que desencadeia em quem a lê, mesmo que de forma inconsciente, uma imersão hermenêutica.

Para Croatto (p. 61), a finalidade da hermenêutica bíblica, que Mesters prefere chamar interpretação, é tornar eficaz o querigma bíblico para nossa realidade. Mas não se trata de interpretar para atualizar, e sim para recriar a mensagem bíblica, fazê-la nascer no hoje. Mesters aponta para a mesma direção ao afirmar que o “presente é o prisma através do qual deve ser lido o passado, a fim de redescobrir o sentido espiritual, como objetivo último da interpretação cristã da Bíblia” (MESTERS, 1977a, p. 227-228).

A interpretação da Bíblia tem por intenção remover a distância entre o leitor e a caminhada de fé do povo de Deus, colocando-os no mesmo itinerário. Visa provocar o exercício da fé. Ou, copiando o costume de Mesters de usar comparações, pode-

se dizer que a interpretação bíblica é como a chave do carro que põe em funcionamento o carro da vida e da fé, porém, não é ela que o faz mover-se já que o carro precisa ser conduzido. Todavia, se ninguém virar a chave, não será possível sequer começar.

Outra imagem que Mesters e Orofino (2006, p. 23) usam para falar do trabalho interpretativo é a janela. Afirmam que o texto é como a janela que permite olhar a realidade e perceber o que acontece na vida do povo bíblico e na vida de agora. O texto torna-se secundário, embora não menos importante, mas o objetivo mesmo é, por meio do texto, chegar ao sentido das coisas. Tomando como exemplo uma comunidade ou grupo que se reúne para estudar e rezar os textos bíblicos: quanto mais esta comunidade se exercita na tarefa da interpretação superando fundamentalismo e pietismos, mais descobre-se próxima e continuadora da história salvífica que a Bíblia anuncia. Encontra algo de si mesma no texto, superando a compreensão de meros receptores estáticos, e passa a produzir teologia enraizada na vida. Passam a criar uma nova história da salvação em seus contextos pessoais e comunitários.

O trabalho da interpretação, dissemos anteriormente, é um processo aberto. A história nos prova que um mesmo texto bíblico foi e será

alvo de múltiplas interpretações. Há diversos fatores que condicionam esse aspecto livre da leitura de um texto. Basicamente confluem, o contexto religioso e social, o problema em questão que provoca a leitura do texto, o grupo ou pessoa que o lê, a compreensão que subjaz à leitura. Mesters dá atenção ao lugar social de onde se lê. Essa perspectiva não exclui as demais apontadas, mas as engloba. Entretanto, ao dizer lugar social, Mesters delimita o lugar pelo qual sua teologia é feita, a saber, a América Latina e, especificamente, desde os grupos marginalizados, os grupos explorados e empobrecidos. Esse é o seu ponto de partida.

Concretamente, estes critérios consistem no compromisso que o intérprete tem com a causa do oprimido, com os 'pequenos'. Trata-se de uma convivência crítica, isto é, de quem conhece os mecanismos de opressão da sociedade em que vivemos. O intérprete deve ter uma visão crítica não só do texto bíblico, mas também do pré-texto, isto é, da realidade hoje. Estes critérios de convivência ajudam a superar a separação entre vida e Bíblia, entre ciência e fé, entre letra e Espírito (MESTERS, 1983, p. 52).

Ao falar em lugar social, Mesters (1983, p. 52) define a responsabilidade social que o intérprete tem ao

realizar seu serviço. O intérprete, em seu trabalho de mediador de grupos, para que estes capacitem-se na leitura bíblica, não o faz de forma neutra, mesmo que se esforce muito. Seu objetivo é que a Bíblia seja instrumento de libertação e, de modo consequente, o intérprete precisa optar por um lugar social a partir do qual fará sua leitura. De onde virá o critério para essa opção?

De acordo com Mesters, a própria Bíblia oferece uma resposta. "O lugar social predetermina os olhos e influi na análise que se faz das coisas e dos acontecimentos. Qual era o lugar social de onde Jesus agia e falava? Qual era o lugar social dos profetas?" (MESTERS, 1971, p. 14). Não se trata de uma leitura de classes, mas uma leitura que, segundo Mesters, reproduz o próprio jeito de Deus agir, ou seja, desde os pequenos, desde os de fora.

Mesters (1983, p. 182) aponta o exílio como modelo teológico para o intérprete da Palavra cumprir sua vocação. A experiência exílica significou para alguns grupos de Israel o fim de Iahweh. Onde está Deus se não há Templo, perguntavam-se. Se um grupo não tivesse resgatado a memória do Deus do Êxodo, esquecida nos tempos da monarquia, não teriam capacidade de ler que Deus vive onde está seu povo, mora com os esqueci-

dos da terra. O intérprete tem papel de voltar os ouvidos e os olhos da fé para descobrir o improvável teológico, o óbvio esquecido.

5 INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA ATUALIDADE LATINO-AMERICANA

O que dizer a respeito da interpretação bíblica na segunda década do século XXI, no chão latino-americano? Estimando um marco de quase quarenta anos de desenvolvimento da Leitura popular da Bíblia, pode-se dizer que muitas mudanças aconteceram em âmbito econômico, religioso e político na América Latina. De outro lado não se pode exagerar que foram mudanças substanciais. A América Latina ainda luta com problemas de mobilidade humana e degradação das suas riquezas naturais. O estigma das desigualdades sociais ainda perdura e agrava-se pela violência e corrupção generalizadas. Embora a maioria dos Estados tenha alcançado a democracia outras formas veladas passaram a controlar e manipular a consciência coletiva, tais como as novas mídias e a influência de grupos econômicos internacionais.

Do ponto de vista eclesial, há uma diluição e, por vezes, conflito de práticas eclesiológicas. Sem superar o paradigma da cristandade

que evangelizou essas terras, a Igreja latino-americana configura-se hoje entre a tentação de padronização, seguindo um modelo eclesial romano, e o desejo de fidelidade aos sinais dos tempos que fizeram-na profética e libertadora. De outro lado, ascende a conscientização da vocação laica e a necessidade de oferecer formação teológica consistente a essa categoria. Teologicamente, pode-se afirmar que a Igreja na América Latina compôs sua própria Teologia, a da Libertação. Embora vista com desconfiança, a Teologia da Libertação abriu espaço para a acolhida de teologias que, mesmo vindas de outros continentes, atualmente ganham espaço nos centros teológicos acadêmicos, a Teologia Negra, Indígena, Ecológica, Feminista, Ecumênica e de Diálogo Inter-religioso.

A leitura popular da Bíblia completa o cenário da caminhada eclesial latino-americana. Por estar fora do mundo teológico acadêmico, não há quem possa medi-la ou prevê-la. Para Mesters (2012, p. 66), o novo contexto que vivemos vai dando formas inéditas à interpretação bíblica. Uma delas, e que caracteriza o tempo atual, de acordo com Mesters, é o despertar de uma consciência humanizadora.

Em parte, isso se deve à acessibilidade livre às informações e ima-

gens. As pessoas sentem-se tocadas com notícias de desastres naturais, emitem opiniões a respeito de uma política militar norte americana, indignam-se nos casos de mulheres e crianças que sofrem violência, protestam nos episódios de homofobia e racismo. Mesters recorda que “usamos a Bíblia para expressar as experiências nossas do Século XXI” (2012, p. 65). A vida dá o molde para o jeito de ler a Bíblia, por isso, tampouco, é possível aceitar que a Bíblia contenha relatos de violência, de abandono, de injustiça.

Se a consciência nova da humanidade nos leva a contestar certas passagens da Bíblia e a explicá-la de outra maneira, não o fazemos para adaptar a Bíblia ao nosso modo de pensar. Mas o fazemos para ser fiel à intenção mais profunda da Bíblia e para preservar bem limpa a fonte de onde tudo nasceu e continua crescendo, que é Deus (MESTERS, 2012, p. 66).

A interpretação da Bíblia tem a ver, no momento atual, com a humanização de nossas vivências. Em muito pode contribuir para ultrapassar a indiferença e o sensacionalismo produzido pela mídia tradicional e levar pessoas e grupos a transpor conceitos envelhecidos sobre o que é ser humano. A chave da humanização abre uma brecha para rever paradigmas de

gênero e de raça, paradigma social, religioso, nacionalista, qualquer modelo que seja sectário e excludente.

Outro anseio que move o século XXI é a espiritualidade. Historicamente a Bíblia é a fonte primordial das escolas de espiritualidade cristã. E é fato que mesmo quando os batizados não participam da Igreja, não deixam de recorrer à Bíblia em suas lutas diárias. Esta dimensão, nos confirma Mesters (2012, p. 60), precisa estar presente hoje no serviço de interpretação. Novamente entra em cena a responsabilidade do intérprete de ser fiel ao texto bíblico. Ou seja, cabe-lhe fomentar uma espiritualidade que seja consequente com a vida. Que ajude a superar formas devocionais, individualistas e fundamentalistas e empreenda a aproximação das pessoas com o sagrado. O intérprete pode ajudar a desconstruir imagens petrificadas de Deus e a descobrir novas imagens que produzam aproximação afetiva e senso de fraternidade.

Mesters conheceu os principais autores que revolucionaram a exegese bíblica na Europa. Contudo, a realidade de pobreza e exploração da América Latina foi decisiva para que o ponto de partida de sua hermenêutica bíblica fosse o chão social em que o povo pobre luta, reza e resiste. O método de leitura popular da Bíblia, proposto por Mesters, pretende

provocar no povo uma consciência religiosa e social que supere a compreensão de receptores passivos para agentes de sua própria história.

Ademais, Mesters foi inúmeras vezes criticado no meio teológico por falta de cientificidade. Todavia, em fidelidade ao espírito eclesial do Vaticano II e aos problemas emergentes da América Latina, podemos considerá-lo um dos teólogos que mais conseguiu sintetizar a ciência da fé na vivência da fé. Mesters não deixou de lado o rigor científico, mas submeteu-o à realidade do povo. Sua teologia foi sempre dialogante com a realidade e o contexto atual. Preocupado primeiramente com a eficácia de seu método, a autoavaliação tornou-se uma constante perceptível até mesmo em seus livros. O principal critério para rever seu pensar e agir teológico é o povo que vive a fé comunitariamente. Importa-lhe se no povo cresce o senso eclesial, a criticidade diante da vida em sociedade e a adesão a um projeto maior inspirado na prática de Jesus de Nazaré.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Tereza Maria P. *A lógica do amor: o pensamento teológico de Carlos Mesters*. São Paulo: Paulinas, 1986.
CROATTO, Severino. *Hermenêutica Bíblica: para uma teoria da leitura como*

produção de significado. São Paulo: Paulinas, 1986.

FELIX, Isabel Aparecida. *Anseio por dançar diferente: leitura popular da Bíblia na ótica da hermenêutica feminista crítica da libertação*. 2010. 281 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/rquivo.php?cod_Arquivo=2208> Acesso em: 10 mar. 2014.

LOPES, Eliseu. *Frei Carlos: flor nascida na sombra*. São Leopoldo/ RS. 12 dez. 2011. Disponível em: <<http://mesters80anos.blogspot.com.br/p/biografia.html>> Acesso em: 10 mar. 2014.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *Por detrás das Palavras*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1977a.

_____. *Seis dias nos porões da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 1977b.

_____. Ouvir o que o espírito diz às Igrejas: a interpretação popular da Bíblia no Brasil. *Concilium*, Petrópolis, n. 233, p. 112-123, 1991/1.

_____. Questões hermenêuticas atuais: uma antiga visão renasce e faz da Bíblia um livro novo. *Revista CLAR*, Bogotá – Colômbia, n. 2/abr-jun, p. 53-68, 2012.

MESTERS, Carlos *et al.* *A Bíblia como memória dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1971. MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *O caminho por onde ca-*

minharnos: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia. São Leopoldo/RS: CEBI, 2006.

RICHARD, Pablo. Leitura popular da Bíblia na América: hermenêutica da libertação. Latina. *RIBLA*, Petrópolis, n. 1, p. 8-25, 1989.

Endereço da Autora:
joycefm18@yahoo.com.br